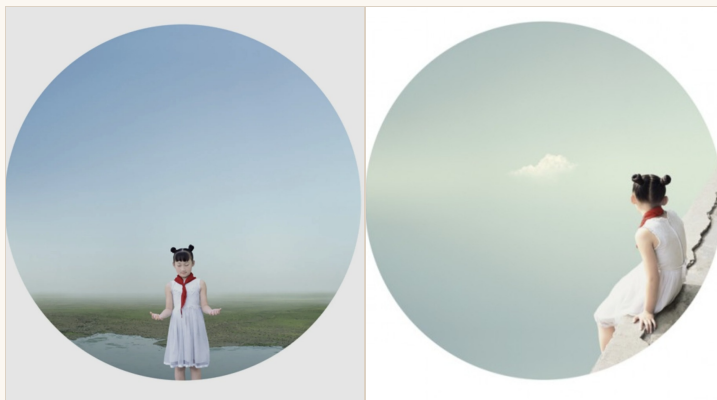


O Estado Permanente de Sonhar

Gil Sibin — 9 de novembro de 2013 — revisto e ampliado em 2026



Da série *Eu Lembro*, 2008

Da série *Eu Lembro*, 2008

Uma menina de tranças presas em dois coques atravessa paisagens onde o céu e o mar se confundem numa mesma névoa azul-esverdeada. Às vezes ela flutua sobre a água. Às vezes olha para uma nuvem solitária, sentada na beira de um penhasco. O vestido é branco. No pescoço, cruzado sobre o peito, um lenço vermelho.

Esse lenço não é adereço de fantasia. É o distintivo dos Jovens Pioneiros da China — uniforme obrigatório de toda criança que passa pela escola primária no país, símbolo de fidelidade ao Partido Comunista usado, ainda hoje, por milhões de crianças entre seis e catorze anos. A protagonista da série "Eu Lembro", da fotógrafa chinesa Liu Xiaofang, carrega esse símbolo em toda imagem, mesmo flutuando entre nuvens ou sentada à beira do nada. A lembrança de infância que a série revisita não é genérica: é a lembrança de crescer dentro de um aparato de pertencimento que ninguém escolhe aos seis anos de idade.

Nascida em 1980, na cidade de Datong, província de Shanxi, Liu formou-se em fotografia pela Academia Central de Belas Artes de Pequim em 2006, aos vinte e cinco anos. Uma de suas imagens tornou-se ícone visual dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008 — mesmo ano em que iniciou "Eu Lembro". Dois anos depois, o Musée de l'Elysée, em Lausanne, a selecionou como uma das fotógrafas mais promissoras de sua geração através do projeto reGeneration, iniciativa dedicada a revelar novos nomes da fotografia mundial; no mesmo ano, expôs no Paris Photo.

Na crítica especializada, o trabalho de Liu já foi comparado ao surrealismo de René Magritte e à artificialidade de *O Show de Truman* — céus vazios demais, paisagens contínuas demais para serem reais, como se a menina habitasse um cenário construído especialmente para conter alguém. É uma leitura que faz sentido. As paisagens de "Eu Lembro" nunca têm horizonte definido; céu e água se fundem numa espécie de vácuo cor de pastel, sem marcas geográficas, sem tempo determinado. É a utopia prometida — infância protegida, futuro garantido, mundo sem arestas — traduzida em paisagem fotográfica. E é dessa utopia que a menina parece, o tempo todo, querer escapar.

A série tem fases. No início, ela flutua como testemunha: os acontecimentos a rodeiam sem tocá-la de fato, um mundo ainda seguro, mesmo quando estranho. Mais adiante, aparece um pouco mais velha, mais próxima do chão, mais perto da ação — as paisagens perdem parte da leveza inicial, a realidade começa a pesar. Em capítulos mais recentes da série, a fotógrafa passou a inserir, ao lado da menina, imagens que não deixam dúvida sobre o que está em jogo: uma bomba atômica, um míssil. A nostalgia pessoal do início dá lugar a um comentário histórico que não precisa mais de subterfúgio.

Todos temos memórias de infância que se afastam, com o tempo, do sentimento original que carregavam. Com a menina de Liu Xiaofang acontece algo parecido, só que mais definitivo: ela aparece sem expressão, como se todo sentimento tivesse escorrido para fora da imagem, deixando-a nesse estado permanente de sonhar — presa entre uma lembrança que não é bem sua e uma promessa que nunca chegou a se cumprir.